

Bolso apertado! Como resistir?

written by João Rodrigues | 10 de Maio, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
João Rodrigues



Face ao ambiente económico mais exigente, que atualmente vivemos em Portugal, **resolvi fazer uma interrupção nos temas subjacentes às minhas últimas crónicas**, orientadas para as diversas alternativas existentes nos investimentos das nossas poupanças.

Para as famílias portuguesas, o momento atual, **corresponde a mais um novo período desafiante**, que exige **adaptação, mais disciplina, mais informação e o incremento de novas ou das velhas estratégias**, que ajudam a manter a estabilidade financeira.

Não conseguimos controlar individualmente a inflação mais elevada e a subida das taxas de juro, mas podemos e devemos ajustar comportamentos e tomar decisões informadas.

Em abril, a taxa de inflação, em Portugal, foi já de **3,4 %**, muito acima da generalidade dos aumentos de salários e pensões em 2026. Apesar de ainda não terem subido as taxas de juro do Banco Central Europeu, os Bancos já estão a incorporar esta expectativa, com as consequentes subidas da Euribor, o que está e irá provocar **subidas nas prestações dos empréstimos**.

O que fazer, para mitigar estes impactos?

É altura de voltar ou reforçar os comportamentos, relacionados com os princípios mais básicos, da educação financeira.

Em primeiro lugar, **reavaliar o orçamento mensal**. Ter uma visão clara das finanças pessoais. **Adaptar o estilo de vida à nova conjuntura**, ajustando hábitos de consumo. Mapear despesas, comparar preços antes de comprar, cortar o supérfluo e evitar compras impulsivas, acabar com as despesas que passam despercebidas e que todos assumimos, como alguns pequenos gastos diários ou subscrição de serviços pouco ou nada utilizados, por exemplo.

Se possível, esta é uma altura em que se deve **reduzir o endividamento**, eventualmente com amortizações extraordinárias, sobretudo nos empréstimos com taxas de juro mais elevadas. Faz também sentido ponderar a **renegociação de condições de crédito**, nomeadamente do Crédito à Habitação. Ter as prestações ajustadas à capacidade de endividamento, é um princípio fundamental, sempre e sobretudo nestes momentos! Já agora, se a opção for fixar a taxa de juro, por razões óbvias, deve evitar-se fazer a negociação, quando as taxas de juro já estão em patamares elevados...

Poupar e investir com inteligência e conhecimento é sempre um princípio fundamental, mas num contexto de inflação, mais relevante se torna. **É essencial que a poupança possa render mais do que aquilo que a inflação corrói**. Provavelmente reconhecemos, ainda mais, a importância de ter o nosso **fundo de emergência**. Se necessário, porque ainda não está a um nível

ao que estimamos ser o equivalente a 6 meses de despesas obrigatórias, devemos tentar reforçar. Para além deste fundo e de acordo com o perfil de risco de cada um, apesar da incerteza e para que a inflação não destrua todo e eventualmente mais do que o retorno obtido, procurar, de forma informada, os melhores investimentos.

Para estes momentos que se podem agravar, **não existem soluções únicas**. Não tomando decisões precipitadas, é fundamental que se adotem um conjunto de medidas e ajustamentos de comportamentos de forma consistente e devidamente planeada, sempre suportados em **decisões bem informadas**.

OC/JR